

## **A PRESENÇA DA MULHER NO ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

CALIXTO, Jeferson – SEED-PR

OLIVEIRA, Márcio – PPE-UEM

### **Introdução**

O ensino de História no contexto escolar brasileiro foi constituído, historicamente, a partir de narrativas centradas em figuras masculinas, políticas e pertencentes às classes dominantes. Os livros didáticos exercem significativa influência na construção das percepções históricas dos/as estudantes, uma vez que frequentemente constituem o principal recurso utilizado nas aulas de História do Ensino Fundamental II. Dessa forma, as escolhas imagéticas, textuais e metodológicas presentes nesses materiais colaboram para reforçar ou problematizar determinadas concepções de sociedade, cultura e participação social.

Segundo Maio, Oliveira e Peixoto (2020), ainda é recorrente a invisibilização da mulher nos conteúdos históricos escolares, sobretudo no que se refere à valorização de suas contribuições políticas, culturais, econômicas e sociais.

Para Saviani (2003), a educação escolar deve possibilitar aos sujeitos o acesso ao conhecimento historicamente produzido, permitindo a compreensão crítica da realidade social. Tal perspectiva também é discutida por Calixto (2018), p.61 ao afirmar que a pedagogia histórico-crítica “busca romper com práticas pedagógicas fragmentadas e descontextualizadas, defendendo uma formação humana crítica e omnilateral”.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a presença e a representação da mulher em materiais didáticos utilizados nas aulas de História do Ensino Fundamental II, em específico em uma unidade temática dos 8º e 9º anos, discutindo possibilidades pedagógicas fundamentadas na perspectiva histórico-crítica e nas discussões contemporâneas sobre gênero e educação.

## **Materiais e métodos**

A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos relacionados ao ensino de História, gênero, currículo e pedagogia histórico-crítica. Foram utilizados artigos científicos que discutem a representação feminina nos materiais didáticos e a construção das relações de gênero no espaço escolar, além de referenciais teóricos voltados à perspectiva histórico-crítica da educação.

A pesquisa também prevê a análise de imagens e conteúdos presentes em livros didáticos de História utilizados no Ensino Fundamental II, buscando compreender de que forma a participação feminina é apresentada nas diferentes temporalidades históricas abordadas em sala de aula.

Os procedimentos metodológicos baseiam-se na análise crítico-dialética dos materiais, considerando que os livros didáticos, conforme discute Galuch e Crochik (2016), não são instrumentos neutros, mas produções históricas e sociais que expressam concepções ideológicas e culturais. Os conteúdos escolares refletem disputas políticas e sociais presentes na sociedade, influenciando diretamente os processos de ensino e aprendizagem.

## **Resultados e Discussão**

Os estudos analisados evidenciam que a presença feminina nos livros didáticos de História ainda ocorre de maneira limitada e frequentemente subordinada a narrativas masculinas. Em muitos conteúdos, as mulheres aparecem associadas exclusivamente ao espaço doméstico, às relações familiares ou como personagens secundárias em acontecimentos históricos conduzidos predominantemente por homens.

Como exemplo, destacamos a unidade de conteúdo intitulada Iluminismo, para o 8º Ano, que tem como subtítulo “As Mulheres no século XVIII” , que cita:

Já as mulheres das classes favorecidas tinham relativa autonomia para frequentar ambientes de sociabilidade, como os teatros e a corte. Ademais, nos salões, ponto de encontro da elite ilustrada, elas tinham a chance de atuar não apenas como

frequentadoras, mas de se colocar no lugar de anfitriãs que entretinham seus convidados pela sua boa educação e, em muitos casos, pelas conversas agradáveis e conhecimentos que demonstravam ter sobre diversos assuntos (Sistema Positivo de Ensino, 2026, p. 28).

Além da reduzida presença quantitativa, observa-se também uma limitação qualitativa das representações femininas. Muitas vezes, as imagens e os textos presentes nos materiais didáticos reforçam estereótipos tradicionais relacionados aos papéis sociais atribuídos às mulheres, contribuindo para a reprodução de desigualdades de gênero no ambiente escolar. Como constatamos em uma unidade temática do 9º ano, intitulada Grande Guerra, com o subtítulo “Um novo mundo pós 1918”, que cita:

Outra mudança sentida foi o início da emancipação feminina, impulsionada pela entrada das mulheres no mercado de trabalho. Com o grande número de homens enviados aos campos de batalha, muitas mulheres passaram a ocupar postos em fábricas, especialmente nas indústrias de armamentos, além de atuar na própria guerra. Mesmo após o fim do conflito, devido ao grande número de mortos e feridos (só na França, 630 mil mulheres ficaram viúvas), muitas mulheres se mantiveram trabalhando nas fábricas, chefiando famílias e tornando-se independentes (Sistema Positivo de Ensino, 2026, p. 31).

Embora o trecho destaque a Primeira Guerra Mundial como um marco para a ampliação da participação feminina no mercado de trabalho, é importante problematizar a ideia de que esse processo representou, por si só, uma emancipação das mulheres. A inserção feminina em fábricas e outros espaços produtivos ocorreu, em grande medida, como resposta a uma necessidade econômica gerada pela ausência dos homens, e não necessariamente pelo reconhecimento de direitos ou da igualdade de gênero.

Além disso, muitas mulheres continuaram enfrentando jornadas exaustivas, salários inferiores aos dos homens e limitações em sua participação política e social. Dessa forma, a guerra contribuiu para transformações importantes na condição feminina, mas a conquista de maior autonomia resultou também de longas lutas protagonizadas pelas próprias mulheres em diferentes contextos históricos, questões não problematizadas

pela unidade em estudo e reforçadas em algumas imagens utilizadas pelo material, como:



(Sistema Positivo de Ensino, 2026, p.31).

Paula e Campoi (2019) apontam que os livros didáticos ainda apresentam dificuldades em inserir a mulher como sujeito histórico protagonista, mantendo estruturas narrativas centradas em grandes personagens masculinos. Tal condição demonstra que, mesmo diante de avanços nas discussões sobre diversidade e inclusão, persistem práticas curriculares marcadas por perspectivas tradicionais e excludentes. A pedagogia histórico-crítica apresenta importantes contribuições para essa discussão ao defender uma prática educativa comprometida com a compreensão histórica da realidade social

### **Considerações finais**

A análise da representação da mulher nos materiais didáticos de História evidencia a permanência de práticas curriculares que ainda invisibilizam ou secundarizam a participação feminina nos processos históricos. Embora existam avanços nas discussões acadêmicas relacionadas às questões de gênero e diversidade, os conteúdos escolares ainda apresentam limitações significativas quanto à valorização do protagonismo das mulheres na construção da sociedade.

Nesse contexto, torna-se fundamental que os/as docentes desenvolvam práticas pedagógicas capazes de problematizar criticamente os materiais

didáticos utilizados em sala de aula, ampliando as possibilidades de reflexão acerca das relações sociais historicamente construídas.

A pedagogia histórico-crítica contribui significativamente para esse debate ao defender uma educação voltada à formação humana integral e à apropriação crítica do conhecimento historicamente produzido.

## Referências

CALIXTO, Jeferson Eduardo. **Pedagogia histórico-crítica e o ecletismo teórico do projeto político-pedagógico de uma instituição escolar do noroeste paranaense**. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, Paranavaí, 2024. Disponível em: <https://ppifor.unespar.edu.br/o-programa/dissertacoes-defendidas/PEDAGOGIAHISTORICOCRTICAEOECLLETISMOTERICODOPROJETO POLITICOPEDAGGICCODEUMAINSTIUIOESCOLARDONOROESTEPARANAENS EJEFERSONEDUARDOCALIXTO11.pdf> .UNESPAR – Dissertação PDF. Acesso em: 28 maio 2026.

MAIO, E. R., OLIVEIRA, M. de, & PEIXOTO, R. (2020). **DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO NAS ESCOLAS: ações e resistências**. *Retratos Da Escola*, 14(28), 57–74. Disponível em: <https://doi.org/10.22420/rde.v14i28.1083>. Acesso em: 28 maio.

PAULA, Larissa Klosowski de; CAMPOI, Isabela Candeloro. **MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: entre a renovação historiográfica e os documentos norteadores da educação**. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMS*, [S. l.], v. 25, n. 49.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/9342>. Acesso em: 30 maio. 2026.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SISTEMA POSITIVO DE ENSINO. **História – Ensino Fundamental Anos Finais: 8º ano**, 1º bimestre. Curitiba: Positivo Soluções Didáticas, 2026.

SISTEMA POSITIVO DE ENSINO. **História – Ensino Fundamental Anos Finais: 9º ano**, 1º bimestre. Curitiba: Positivo Soluções Didáticas, 2026.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. CROCHICK, José Leon. **Propostas pedagógicas e livros didáticos: Reflexões sobre a pseudo formação**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v46n159/1980-5314-cp-46-159-00234.pdf> >. Acesso em 12 Maio, 2026.